



○ NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

Editorial

Uma das coisas boas da nossa terra é a grande profusão de árvores disseminadas por toda a parte. Então a segunda metade da Avenida António Veiga, que vai da estrada nacional n.º 13 ao mar é, qualquer coisa que nos encanta. A partir do Hotel do Pinhal os ramos dos pinheiros e os próprios troncos das árvores como que se curvam para os ramos do outro lado no desejo de um grande amplexo telúrico. Elas formam como que um docel sob o qual se passeiam quer os automóveis quer os pedestres.

Árvores, a última esperança de um mundo que está a morrer. Ergamos um pouco os olhos sobre o ambiente, o imaginado e o que nos rodeia. E o que vemos? O que é que nos dizem? O que nos rodeia?

EM LOUVOR DAS ÁRVORES

Por um lado temos o efeito de estufa provocada pelas camadas de carbono acumulado nos confins da atmosfera e que nos vai cerceando o oxigénio que respiramos. Depois é a morte lenta dos rios contaminados pelos inúmeros afluentes das fábricas tintureiras. Há quem refira com dados inquestionáveis a progressiva desertificação dos oceanos que não podem ser a última cloaca a céu aberto. Tem os seus limites. Eles são ainda as chuvas ácidas que inutilizam as árvores, são a progressiva rarefacção de produtos minerais, produtos estes que ajudam o homem a viver. É o petróleo que um dia acabará. Os técnicos responsáveis asseveram que se se extinguir algum dos produtos derivados do petróleo ligados à agricultura, reduzem o cultivo dos cereais aos tempos da Idade Média.

Dizem-nos os entendidos que a única esperança de vida resultará do momento em que o homem consiga a fusão do átomo, o que deve ocorrer daqui a uns vinte ou trinta anos. Será uma fonte de energia sem sequelas terrificantes para a vida animal.

Resta-nos as árvores que apesar de desaparecerem, renascem também. São os pulmões do universo. O pior é que o registo do DEVE-HAVER do mundo florestal começa a ser negativo. Queremos com isto dizer que presentemente morrem mais árvores do

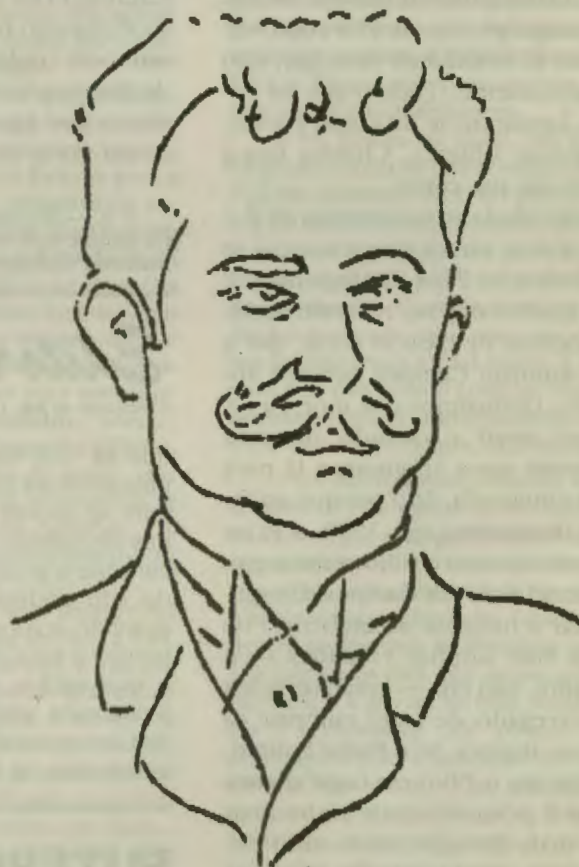
(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

AMORIM CAMPOS

Não podíamos encerrar a galeria de fangueiros diferentes ou amigos especiais de Fão sem trazer à ribalta do jornal o vulto de Amorim Campos, nome que em nós, crianças de outrora, desencantava uma atitude de afecto e respeito pois a escola que frequentávamos comportava o seu nome o que significava, pelo menos, que ele tinha sido o seu doador. Daí o nosso obrigado. Esse obrigado desabrochava mais tarde numa real admiração pois há beneméritos e beneméritos e em adultos a nossa escala de valores cimentava ou logicizava uma hierarquia axiológica onde a ilustração ou os esforços para a ilustração do povo merecia e ainda merece os primeiros lugares.



Pode-se até questionar: havendo um benemérito que deu substancial ajuda para a construção de um hospital, havendo um segundo que ofereceu um edifício para os bombeiros e ainda um outro que à sua custa erigiu uma escola, qual o que vence maior mérito? Aliás são duas as perguntas a colocar: qual o feito mais importante para a terra?; e, dos três beneméritos, qual o que merece maior louvor? Repare-se que a resposta a estas perguntas podem não coincidir. O mérito do gesto pode não se identificar com a extensão do benefício.

Ora, postas assim as perguntas nós respondemos que não é fácil absolutizar uma resposta. É que tudo depende. É como se perguntássemos: qual é mais importante: uma escola, um hospital

(Continua na pág. 2)

PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

ou um quartel dos Bombeiros? O leitor quer responder? Por outra: será fácil de responder? E quanto ao mérito a coisa agudiza-se igualmente. É que depende de muitos factores. Se às perguntas apresentadas se acrescentasse a oferta do Anselmo que contribuiu substancialmente para a compra do coreto do Bom Jesus com dinheiro que lhe saiu na lotaria, nós dávamos-lhe o primeiro prémio no que respeita ao mérito. Tudo é relativo, mas não vamos transformar este perfil num tratado de filosofia acerca do mérito ou demérito de certas atitudes. Uma coisa é certa: Manuel de Amorim Campos ganhou o respeito *ad aeternum* da freguesia ao doar à terra fangueira o edifício das escolas situada na estrada nacional n.º 13.

Quem foi Amorim Campos? Aqui a resposta torna-se também difícil por falta de dados. Sabemos que era uma pessoa de respeito pois foi escolhido, como já vimos em número anterior, pelo Padre Lourenço Viana para seu testamenteiro. E aquele antigo pároco de Fão como todos tivemos já ocasião de concluir, não era para brincadeiras. Tudo o que lhe parecia, era. Lembram-se de como ele tratou a sobrinha? Chiça!... Chamar feia a uma pessoa da sua carne...

Arrimado ainda ao testamento do P. e Lourenço Viana, vimos que o seu pai se chamava Valentim Félix de Magalhães. E apoiados igualmente no referido testamento, sabemos de ciência certa, que a morte de Amorim Campos ocorreu antes de 1903. Deduzimos que morreu relativamente novo e quando dizemos *relativamente novo* apontamos lá para a casa dos cinquenta. Isto porque ao fazer o seu testamento em 1899 o Prior Viana menciona tanto o filho como o pai. Caso o Manuel Amorim Campos não quisesse aceitar a honrosa incumbência de cumprir as suas últimas vontades — o que ele, padre, não cria — então seria seu pai o encarregado de fazer cumprir os seus últimos ditames. Se o Padre Lourenço preferenciou o filho em lugar do seu progenitor é porque aquele tinha mais prestígio, mais dinheiro, tinha sido ele, enfim, o ganhador da enorme fortuna que a grandeza do edifício escolar deixa entrever. Onde teria conseguido a provisão? Respondemos com a lógica do tempo: nos Brasis.

Por amável préstimo desse rato das bibliotecas que se chama José Maria Machado do Vale, nosso prezado colaborador (um portento, este moço!), chegou-nos às mãos a «escritura de doação «entre-vivos», celebrada em 20 de Fevereiro de 1899, onde a certa altura se pode ler: «declaro eu, Manuel Pinto de

Amorim Campos, solteiro, capitalista da freguesia de Fão, que o edifício e o terreno junto, situado na avenida Visconde S. Januário, da minha freguesia, para o fim especial de serem instaladas no mesmo edifício as escolas primárias do sexo masculino e feminino, não está sujeita a contribuição de registo anterior, por isso que comprei por escritura o terreno onde mandei construir o mesmo edifício». Mais atrás diz o documento que «o primeiro outorgante, Manuel Pinto de Amorim Campos... pela sua livre e espontânea vontade, sem a menor coacção faz pura a irrevogável doação entre vivos do mencionado prédio à sobre dita Junta da Paróquia...». O prédio na altura valia «cinco contos de reis».

Apensada a esta acta, vinha uma outra que era a «*acta relativa à posse do edifício escolar*» que entre outras coisas trazia esta frase: «pela qual o mais benemérito filho desta terra até hoje...» O então Presidente da Junta que era o já referido Prior Gonçalo Lourenço Cardoso Viana não tem expressões que pudessem bem traduzir a grandeza deste acto de filantropia além de outros muitos praticado por aquele ilustre filho desta terra em favor da mesma.

P.S. — Já com o artigo no prelo, o José Maria trouxe-nos o FANUM n.º 1 onde se lê que Amorim Campos morreu com 47 anos.

Editorial

(Continuado da pág. 1)

que as que nascem e em contrapartida nascem mais pessoas do que as que morrem. As árvores são as grandes e fiéis amigas do homem. Consomem o dióxido de carbono e produzem oxigénio. Até quando isto poderá acontecer? Até quando existirão árvores na Terra? Ao tentar responder a esta pergunta, não esqueçamos o que está a acontecer com a floresta amazónica, onde anualmente são destruídas centenas de milhares de quilómetros quadrados de arvoredo.

FUTEBOL

CAMPEONATO REGIONAL DA 1.ª DIVISÃO DE BRAGA

Últimos resultados: Fão, 1 - Realense, 0; Fão, 0 - Sequeirense, 0; Fradelos, 1 - Fão, 3 e Fão, 0 - Lagense, 1.

TAÇA ASSOCIAÇÃO FUEBOL DE BRAGA (2.ª eliminatória)

Oliveirense, 2 - Fão, 2, após prolongamento. Na marcação de grandes penalidades o Clube de Futebol de Fão foi eliminado, pois perdeu por 9 - 8.

CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos desejarem Boas Festas os srs.:

Alberto Figueiredo, Presidente da Câmara de Esposende; eng. António Ribeiro, Presidente da Assembleia Geral de Esposende; eng. Adelino Miranda Marques, vereador da C. M. de Esposende; eng. José Areia, Presidente do Conselho Executivo do Telecom; os meninos do Jardim Infância da S.ta Casa da Misericórdia de Fão; José Silva Martins (Estalagem Zende); Manuel Marques, Director Geral do Hotel Sopete Ofir; Comissão de Festas da Sr.ª da Bonança, de Fão; Santa Casa da Misericórdia de Esposende, Ag Martinho, do Porto; Consul da Coreia no Porto, António Sá Pereira; Florinda e Fernando Marques, Porto; dr. Américo Selxas, Porto; D. Constança Almeida, Coimbra; Cenjor; Pedro Viana, Guimarães; Lucília e António Dias Costa, Porto; Cooperativa Cultural de Fão; Direcção da Organização Regional de Braga do Partido Comunista Português; João de Barros, Porto; Direcção da Casa do Minho, Lisboa; Manuel Sá, Braga; Secção do Partido Socialista de Esposende; José Casanova, Braga; Silvério Xavier Castro Alves, carteiro de Fão; Club de Futebol de Fão; Sopete Ofir; Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho; Conselho Directivo da Escola Secundária Henrique Medina, Esposende; Inge, austríaca; Fátima, Santa Cruz-Brasil e António Casanova, Braga.

Gratos pela gentileza, desejamos a todos os amigos de «O Novo Fangueiro» um novo ano bem realizado.

ESTATUTOS DO HOSPITAL

COLIGIDOS POR

José Maria Machado Vale

1.ª parte

«Eu El-Rei Regente em nome do Rei, faço saber aos que este Meu Alvará virem, que atendendo ao que me foi representado por parte da Meza da Santa Casa da Misericórdia e comissão administrativa do novo Hospital, do lugar e freguesia de Fão, no concelho de Esposende, pedindo a aprovação dos Estatutos, porque o mesmo hospital se pretende reger; e tendo outro sim em vista a informação da competente Authority Administrativa, da qual se mostra o muito que a instituição daquelle Estabelecimento de caridade pode ser conveniente aos povos vizinhos: Hei por bem em Nome de El-Rei, conformando-Me com o parecer dado em identico caso pelo conselheiro Procurador Geral da Corôa, aprovar e confirmar os Estatutos, porque se deverá reger o Hospital anexo à Sancta Casa da Misericórdia do lugar e freguesia de Fão, do concelho de Esposen-

(Continua na pág. 10)

TESOURADAS

Pelo QUIM DE FÃO

— Ano de 93. Ano de eleições. Ano de regressar ao passado. Ano de balanças; de inventários; de projectos. Semear para colher. O chão está lavrado; despido de ervas daninhas? Talvez. Algumas deixaram raízes. É preciso queimá-las. Os pesticidas pouca força têm. As raízes infiltram-se como água poluída em águas bentas.

Dar o lugar aos mais capazes. A política para os políticos, nos grandes arquipagos. Só lá, na capital. Os partidos e a votação (neles) para a Administração Central e Regional. Nós, na terrinha e no concelho temos de pensar e repensar a nossa posição, o nosso comportamento. «Só não muda quem é burro».

Eleger os mais capazes, aqueles que na vida privada deram mostras de honestidade, imparcialidade e de êxito; aqueles que moral e intelectualmente são dignos de apreço e têm servido de modelo pela sua valorização e conduta. Cuidado com os mascarados e palavrosos cidadãos que de Sancho Pança enchem o bandulho de incautos velhinhos, pregando doutrinas que não praticam...

Eleger e votar nos mais capazes porque, enquanto não permitirmos que cada um mostre o que vale — só porque não está filiado no partido mais popular ou mais votado — e se possa exprimir individualmente, cámos no logro, na ratoeira, na armadilha de, ao votar, ao assinalar a cruzinha, escolher um grupo, um partido, um trio que não nos agrada, pois aquele que foi cordeiro antes da votação passará a lobo; esquecerá as promessas e actuará; não conforme com os seus planos — os apresentados aos votantes — mas segundo os seus interesses, os seus favoritos e as suas cunhas, grupos ou «lobies» como hoje se diz.

— Na nossa terra, alargada mais ou menos conforme queiramos ao concelho, não faltam nem faltarão os que saltam de partido em partido, não faltam os que se colam a este ou àquele para alcançarem o poder. Felizmente que se têm ficado pelas bordas de uma assembleia que «apenas» pretendem desestabilizar; que pregam a honestidade e as paredes de vidro nos negócios; que vão ao pálio e andor na procissão dos ricos em que marcham atrás ou à frente quer se trate da procissão ou da banda. Assim, com esta «mascarada» pretendem conquistar o «poder» jogando nos campos de Deus e do Diabo. O Zé votante, facilmente enganável e enganado, deixa-se «levar» por estes fogueteiros, leitores de escrituras sagradas e «pescadores» de assento no «domus municipalis», votando inconscientemente.

Falta campo de manobra, campo de actuação aos mais capazes, só porque rejeitam formar equipa com os oportunistas que se infiltram nos partidos e não têm pejo em vestir «a camisola» desde que o poleiro esteja em mira.

Só respeitando as qualidades intelectuais e morais do homem; só fazendo uma leitura calma e profunda do comportamento e actividade deste, mesmo sem nos emiscuirmos na sua privacidade — nada de americanices —; só inventariando o seu passado, poderemos ter fé, esperança e confiança naqueles que nos governam. «Enquanto não se respeitar o homem por aquilo que faz; enquanto não se clasificar o homem por aquilo que realiza, pela

sua capacidade ou potencial» e formos atraídos apenas pelas suas palavras, estamos a trair a nossa fidelidade de cidadãos. Cuidado! É muito fácil desviar a razão popular. Um erro pode ser o fim de um político mas uma vitória poderá colocá-lo no pedestal.

Tudo o que acima «conto» com a minha tesoura de lâmina afiada não tem a ver com a realidade que hoje nos cerca, mas tempos agitados em partidos fragmentados poderá permitir que «jogadores» de equipas derrotadas no último «campeonato» possam assinar por «clubes» carentes de sermonistas, cuja oratória engana os incautos.

— A nossa terra esteve mais bonita nesta quadra de Natal. A Junta de Freguesia decorou e iluminou algumas ruas da vila. No Cortinhal, montou um presépio... muito grande e económico. Só lá estavam família e dois animaizinhos. Os outros, por causa dos buracos nas ruas, não conseguiram lá chegar. Faltaram os três Reis «Magos» porque andam atrapalhados com a limpeza das ruas e das fundações do novo quartel. Até se esqueceram da música e dos foguetes. O São José... «Artur» que sabe da «música» também se esqueceu dos pregos e do martelo. O seu homónimo, o do presépio, estava com uma cara muito feia, apesar das barbas, e a palha era tão pouca que o burrinho tentou fugir de... «noite».

Presentes, à volta da gruta improvisada, não havia, mas diz-se que há negociações adiandatas entre a Junta — sem presidente — a Câmara e a família Vila Chã Esteves para a compra da casa brasonada, existente no coração de Fão. Isto é que são negociações com janelas de vidro...! É porque o Presidente só tem uma costela na família não quer situações ambíguas. É homem «de verbas» limpas como diz a oposição... por estas ou outras palavras.

— Ou se injecta soro no Presidente Pereira ou não teremos timoneiro para mais quatro anos... soro, quer dizer dinheiro... obras... realizações que se vejam. Comprar edifícios, apropriar-se de outros e obra de gente, mas dar-lhes vida, numa terra de telenovelas, é muito... muito difícil. Centros culturais... às moscas; salas fechadas; biblioteca sem livros. Que animação desanimada!

O Brasil com as seis ou mais telenovelas diárias está a prestar um mau serviço a Fão. À noite, não se vê ninguém na rua. E Fão que tinha uma vida nocturna de se lhe tirar o chapéu...! Agora... só no «Casino» e mesmo aí também se contam pelas fichas dos dedos.

— A Câmara Municipal já criou ou vai criar um gabinete que velará pela recuperação de Fão degradado. Tem muito que fazer... se sair do gabinete e der uma olhadela pelo coração de Fão e ruas adjacentes. Falta saber o que é que se entende por «Fão degradado». Será que destruir pátios; pintar casas a seu belo-prazer; picar paredes de granito e cobri-las com azulejo de «quarto-de-banho»; retirar madeira das portas e janelas; destruir beirais e padieiras de granito, será que isto é degradar? Também temos algumas casas desabitadas e em ruínas; também temos fossos no meio da rua e xixi a correr junto dos passeios... será que isto é degradação? Também temos casas e muros implantados aos ziguezagues; também temos o «nosso bairro» da lata com todos os tarecos ao relento. Se isto é degradação, acudam-nos, senhores do tal ga-

binete... mas tragam olhos-de-ver e sensibilidade para não deixar que o cancro alastre. Ainda não lhe vi terapêutica a não ser no restauro de três edifícios que merecem os nossos aplausos: A Casa Reis, a da Tia Maria dos Terços e a antiga Padaria Fontes. Três exemplos de bem reconstruir com enquadramento aceitável, muito embora aquele ângulo no murete da Casa Reis seja uma protuberância desnecessária. O alinhamento era fácil.

— O adro da matriz está em fase de remodelação. O cimento frontal vai ser substituído por mini-cubos de granito. É pena se ficarmos só pela fachada. Todo o adro-cintura-merecia um arranjo.

— Chegaram as primeiras lampreias. Carras, como de costume. Dez mil escudos — no pescador — Quinze mil escudos, no restaurante. E como não faltam clientes... só com cunha e por encomenda é que estes «primores» se comem... para já.

— A noite de passagem-de-ano esteve muito animada. Milhares de forasteiros encheram os hotéis e o Pachá, a nova danceteria que faz furor e atrai gente nova ao pinhal de Fão. Parece que uma nova época de prosperidade hoteleira e empregadora nasce em Fão. É que os vigias e não só são rapazes de Fão. Assim, ficamos contentes, nós, os fangueiros, pois vemos os filhos de Fão a radicarem-se na terra que os viu nascer, não necessitando de migrar. Que outros empreendimentos turísticos, a nascer, copiem o modelo empregador do Pachá: Fangueiros para ocupar lugares de empregados-trabalhadores.

— Na quadra de Natal, um jornal diário de grande expansão no norte do país, promoveu um concurso literário para jovens dos 8 aos 16 anos. Entre meio milhar de concorrentes, a Catarina Lima, neta da família Rita Fangueira, ganhou o primeiro prémio em prosa, no seu escalão. Com ela, também a Escola de Fão foi premiada, pois viu o seu esforço e labor louvado num jornal diário. É pena que alguns pais não saibam apreciar esta actividade docente; o seu tempo é gasto em telenovelas e em maldizer. Dantes, não era assim...

— Os pais estavam presentes nas festas escolares; os pais apoiavam as realizações e actividades que ultrapassavam a sala de aula. Agora apenas pretendem que os professores sejam os únicos responsáveis pelos filhos. Nascerem e metem-nos no infantário-creche; depois enfiam-nos na Primária; vem o Ciclo e o Liceu e os pais não aparecem nem comparecem... a não ser no final do ano para chorar a reprovação. São poucos os que se preocupam com a educação dos filhos. A família já não existe. O pai não ajuda o filho, em casa, o pai não dialoga. A mãe, com tarefas triplas: o emprego, mais a casa mais as telenovelas não tem tempo para ensinar às meninas o que é ser uma mulher e aos meninos o que é ser um rapaz bem educado. A família não fala. Só usa uns sons animalizados que se traduzem por: «chiu»... está calado. Chiu... chiu... deixa-me ver e ouvir a telenovela... maldita cocaína de telenovela. Afinal as drogas não são apenas o «chocolate e a farinha...» Telenovela é droga... e dura, onde os homens são «chifrados» e as mulheres... de arrendamento.

— Para a próxima há mais. Cenas de novos capítulos: «Quem foi quem e a toponímia fangueira». Mais «tesouradas» do Quim de Fão. Não perca o próximo episódio...

DE APÚLIA

ÓBITOS — Em 18 do último mês de Dezembro, faleceu, no Lugar de Criaz desta Vila de Apúlia, a Senhora MARIA ROSA DE JESUS, natural da vizinha freguesia da Estela.

Era filha de Manuel Gonçalves Torres e de Amélia Rosa de Jesus, e tinha 84 anos, feitos em 5 de Setembro de 1992.

— No Lugar da Areia, também de Apúlia, faleceu o Senhor MANUEL GONÇALVES EIRAS NOVO, em 22 do mês de Dezembro.

O extinto, natural da freguesia de Marinhãs, deste Concelho, deixa viúva a Senhora Adelaide Fernandes Moreira.

Nasceu em 9 de Outubro de 1918, e era filho de João Gonçalves Eiras Novo e de Luisa Martins Capitão.

A ambas as famílias, em luto, apresentamos os nossos pêsames.

PARTIDAS/CHEGADAS — Ao Brasil, talvez um pouco mais cedo do que o habitual (a caça este ano não entusiasmava ninguém), já regressou o nosso conterrâneo JOÃO GOMES MOREIRA (João Fé), juntamente com a Esposa e Filho, depois de uns meses entre nós.

— Também ao Brasil regressou o nosso conterrâneo, MANUEL DIAS TORRES, depois de um pequeno período de férias entre nós.

— Vindos do Canadá, encontram-se entre nós a passar as quadras festivas do Natal e Ano Novo, a Apulense — MARIA ADELAIDE EIRAS DEVEZA, acompanhada dos filhos Helder e Sílvia, e do Marido.

— Também a passar um pequeno período de férias e a «matar» saudades, da terra, da família e dos amigos, encontram-se entre nós, vindo da Austrália, o casal amigo, ANTÓNIO AUGUSTO DA MOTA LOPES, e ANA MARIA DOS SANTOS FONSECA, acompanhados das filhas, RAQUEL e ANA MARIA.

— Também passou uns dias entre nós, vindo de Vilamar, Cantanhede, onde regressaram há dias do Canadá, para um curto período de férias, o casal ANTÓNIO PACHECO DA CRUZ, MARIA JOSÉ CARDOSO PEREIRA DA FONSECA, acompanhados dos filhos, JOÃO PEDRO, e ANA CLÁUDIA.

— Também vindo do Canadá está entre nós o jovem apulense, CARLOS EIRAS DEVEZA.

Felicidades para os que partiram, e boas férias para os que chegaram.

TODO O HOMEM É MEU IRMÃO??? — Quando saiu o último número deste jornal com o mesmo título, já o caso, triste, que então noticiamos, daquele «farrapo» humano que vivia num abrigo para peões, no Lugar de Paredes, em plena estrada internacional, tinha sido solucionado; cremos que pela Miesricórdia ou Asilo de Fão.

O impacto assim já não foi igual para quem leu e não viu. É como se a notícia fosse dada por uma estação de rádio, que conta mas não mostra. Mesmo que conte bem. Ou pela T.V. que conta e mostra. Aqui, a notícia é reforçada pelas imagens. E é isso que fica nos olhos. E então se a imagem é chocante, como era o caso, não são só os olhos que vêem. Também a alma e o coração, os sentidos e os sentimentos vêem e sofrem.

No dia (noite) em que escrevemos «aquilo» tínhamos passado lá ao escurecer. O frio gélido «assobiava» nos pinhais, ali ao lado. Naquele cubículo de cimento, encolhido «vivia», mais uma noite, como sempre encostado à parede, coberto de andrajos e roupas velhas um homem, também filho de Deus. O cheiro, afastava as pessoas do local, tornando ainda maior

a sua solidão e o seu sofrimento. E isto no limiar do século XXI. E isto quando todos enchamos a boca com a palavra que «todo o homem é meu irmão». A propósito e a despropósito; por tudo e por nada. Não custa nada, e a frase é bonita...

FUTEBOL — Último resultado: Apúlia, 2 - Ribeirão, 0.

O Ribeirão, um dos históricos da Regional de Braga, mostrou possuir uma boa equipa de futebol, mesmo com o desnível de golos verificados no final do jogo.

O Apúlia continua muito bem classificado e a jogar bom futebol. As equipas jovens também se estão a portar muito bem, com resultados surpreendentes.

OBRAS — Indicadores de progresso numa terra, são as obras, sobretudo se incidem na habitação, na abertura ou, arranjo de ruas, no reforço do caudal de água e da potência da luz, saneamento, na educação e na criação de infra-estruturas para a prática do desporto.

Apúlia, à semelhança do que se vê nas localidades vizinhas, neste e noutros concelhos, passa presentemente por um razoável surto de progresso. A sua população, dentro de pouco tempo, val usufruir de muitas dessas comodidades, que também representam civilização, higiene, bem estar. Comodidades e civilização que, antes de o serem, trazem transtornos, demoras, arrelias, prejuízos. A chamada factura é, assim, muito pesada. Presentemente em vias de conclusão, está toda a rede de saneamento básico de águas domésticas e residuais. A estação para o seu tratamento, também está em fase bastante adiantada de acabamento. Mas o que isso tem custado à Apúlia, aos seus habitantes e aos que a procuram... E seria isso evitável? talvez em parte, se a terra tivesse outros (mais) acessos. Mas isso não seria bom só para estas situações, como é óbvio. Esses acessos, de Nascente a Poente, entre a Estrada Nacional 13 e a Praia, pelo Norte e pelo Sul da povoação, resolveriam por muitos anos o

grave problema que é o trânsito de veículos automóveis nos meses de Verão.

O assunto tem pano para mangas, mas será para outra crónica.

PLANO DE ACTIVIDADES E LANÇAMENTO DA CÂMARA PARA 1993

Foi aprovado na reunião de Câmara de 07/12/92, o Plano de Actividades e Orçamento da Câmara e serviços Municipalizados para o ano de 1993.

A aprovação foi feita com votos favoráveis de todos os vereadores do PSD e ainda com o voto favorável de um vereador do CDS tendo votado contra a vereadora do CDS, D. Laurentina Torres Losa Faria.

Os aspectos mais importantes do Plano de Actividades da Câmara Municipal para o próximo ano são as seguintes:

— Dotação total do Plano — 2 262 090 contos.

— O destaque em termos de investimentos vão para a Cultura, Desporto e Tempos Livres, no total de cerca de 700 000 contos, o Saneamento e Salubridade e Desenvolvimento e Abastecimento Público no seu total têm previstos investimentos superiores a 750 000 contos.

— Os aspectos mais importantes do Orçamento da Câmara Municipal para o próximo ano são os seguintes:

— Diminuição do crescimento das despesas correntes (ao contrário do que é habitual nos anos eleitorais)

— As receitas estão distribuídas deste modo — correntes 32,7% do total, de capital 69,3% do total.

— As despesas estão distribuídas do seguinte modo — correntes 28,8% do total, de capital 71,2% do total.

— O valor do Orçamento para 1993 da Câmara Municipal é superior a 2 600 000 contos.

O Orçamento dos Serviços Municipalizados para o ano de 1993, aproxima-se de um milhão de contos.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 80 91 018 · 80 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL 759 72 04 — FAX 7597206

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá está o novo ano, e com ele a expectativa do que nos trará. Oxalá que para vós tudo de bom: saúde, paz, êxitos no vosso trabalho escolar. São os nossos renovados votos.

«NO LIMITE DA REALIDADE»

Por ROSA MARIA A. COSTA

QUANDO o dia esmorece e a noite se levanta no fundo do horizonte, um murmúrio me chama à distância — não consigo perceber se estou a sonhar...

Como gostaria de parar o vento para escutar o som do silêncio e sentir o ar calmo desta noite!...

Enquanto caminho, vou seguindo a sombra de um vulto, doutro mundo, que me guia até mesmo através de ventos contrários. Estou perto de casa, mas sinto-me longe daqui...

Por um momento, desvio-me do rumo, e, olhando em volta, apercebo-me de que a escuridão se espalhou amplamente.

Um rumor surdo de múltiplas vozes desperta a minha atenção: ouço, quase imperceptivelmente, gente a falar sem conversar, a ouvir sem escutar, perturbando o som do silêncio. No entanto, não existe ninguém neste versátil espaço... apenas eu envolvida numa hibridez de sentimentos!...


Sempre na esperança de encontrar recordações que deixei para trás, perdi-me em oceanos de uma noite.

Recordações... não mas leve o vento, mas permaneçam em mim!

Estou em casa, mas sinto-me longe... muito longe daqui...

FIDEÍSTA

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

NADA SABEMOS DO NADA

*A noite era negra e escura.
A chuva caía pesadamente
Sobre o cimento das ruas.*

*Tudo estava calmo e silencioso
E parecia que por trás
Do sussurro da chuva*

*E da escuridão
Algo estava prestes a acontecer.
Porque será que tememos*

*Tanto o silêncio?
Talvez porque representa o nada.
E o nada é demasiado simples*

*Para ser entendido.
É uma dimensão
Dentro da qual nos fechamos*

*Quando não entendemos.
Alguém disse
«Só sei que nada sei.»*

Mas será que saiba assim tanto?

MARTA (17 anos)



PATO DONALDO! (Desenho de Marília)

PAUSA PARA SORRIR

Um jovem modesto, que vivia só do seu ordenado, estava noivo de uma menina muito rica.

No dia do aniversário dela, o rapaz dava voltas à imaginação pensando no que poderia comprar para lhe oferecer como prenda, com o pouco dinheiro que tinha.

Parou junto à montra de um estabelecimento, que exibia lindos jarrões orientais, mas a um preço superior ao seu ordenado de um mês!

Estava ele a pensar no assunto quando o empregado que estava à limpar o pó nos ditos jarrões deixou cair um deles, que se fez em cacos.

O patrão, furioso, começou a repreender o empregado quando o jovem noivo teve uma ideia.

Entrando, dirigiu-se ao patrão:

— Não se zangue tanto! Eu posso diminuir o seu prejuízo, pois estou disposto a comprar-lhe esses cacos por mil escudos.

— Obrigado, senhor! E onde devo mandar entregá-los?

— Na rua... n.º..., hoje sem falta, e pontualmente às 15 horas. E faça um embrulho bonito, e não se esqueça de que devem ir na caixa respectiva.

Assim aconteceu. À hora marcada, já o jovem estava junto da noiva quando veio o empregado trazer a volumosa caixa. O noivo pegou nela e, fingindo tropeçar, deixou-a cair no chão. Em seguida exclamou:

— Oh, que desgosto, querida! Tinha-te comprado um jarrão tão lindo, e com esta queda deve ter ficado todo estilhaçado!

— Vamos ver, pode ser que se possa colar — tentou consolá-lo a jovem — e começou a desembulhá-lo. Quando, por fim, abriu a caixa, o rapaz ficou sem pinta de sangue. É que o lojista tinha embrulhado cada um dos cacos separadamente!...

NÃO QUERO

Não, não vou mais pensar
Não vou mais viver as horas
Vividas por ti a esperar.
Hoje, o dia nasceu nas bandas
Do mar sem fim,
Onde as ondas se desfazem
Contra as rochas que brilham
Ao Sol...
Torres de marfim...
Na areia, as gotas de orvalho
Se esbatem em mim.
Não, não vou mais viver
Por ti.
Das horas vividas, mais
Uma recordação sem fim.

BOLETIM MUNICIPAL

Numa iniciativa que já vem de longe, recebemos o novo Boletim Municipal, editado pela Câmara de Esposende.

Faz uma síntese das obras realizadas, nomeadamente no sector de Água, Rede Viária, Arranjos Urbanísticos, Habitação, Educação e Cultura, Desporto, Saúde, Turismo, Pesca e Meio Ambiente. Num cômputo geral foram já investidos mais de 5 milhões de contos.

A última página apresenta um texto de João de Freitas editado em 1928 no Almanaque de Esposende.

A nova publicação foi distribuída gratuitamente num total de 8000 exemplares.

O ROUXINOL

Chegou-nos até nós o Rouxinol publicado pela Escola Primária de Fão. Todos os artigos são encantadores. Estão ali muitos potenciais articulistas de «O Novo Fangeiro». Não faltam entrevistas,

artigos de fundo, apanhados, adivinhas e outras coisas mais.

Na impossibilidade de publicar todos os textos, fomos ao início da página e em homenagem à revista, publicamos o primeiro artigo.

«O Natal é a festa que eu gosto mais. O meu desejo é para que este ano Jesus faça um milagre: que nesse dia todos os drogados fiquem como nós, que percam o vício da droga.

Desejo todas as felicidades do mundo para todas as crianças que não vêem, não falam, não andam, não mexem os braços. Um dia essas crianças virão a ser felizes.

A prenda que o Pai Natal me quiser dar eu troco pela felicidade dessas crianças.

Vera Lúcia/Marta - 4.º ano».

PARA O BRASIL

Já regressou ao Brasil o casal Idalina/Carlos Cardoso Salgado depois de ter permanecido alguns meses entre nós.

Apetecemos uma boa estada em terras de Santa Cruz e formulamos votos de dentro de algum tempo os vermos de novo na sua terra natal.

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLEÇÃO NOVA
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



ILUMINAÇÕES DE NATAL

As principais ruas de Fão estiveram iluminadas na quadra natalícia. Ainda em homenagem à mesma época (de Natal) a Junta mandou colocar um grande presépio no Cortinhal.

Seria interessante promover um concurso de presépios nas montras da terra. De qualquer modo a iniciativa foi bem recebida pelos fangeiros.

CASAMENTO

Na última semana de Dezembro realizou-se o casamento da nossa colaboradora Rita Fangeira com Manuel Ferreira (Cascalho).

Apetecemos um feliz e logo futuro ao jovem casal, fazendo votos para que as novas lides domésticas não impeçam a Ritinha de nos enviar colaboração para a página jovem.

Ainda se trata de uma jovem, pois claro.

FALECIMENTOS

Na Clipóvoa Faleceu, no dia 23 de Dezembro, o nosso amigo Quenor Ribeiro com 69 anos.

Ainda no último número noticiámos o seu internamento naquela casa de saúde. Comentamos na altura: ai esse coração! Só que desta vez aquele órgão que nos prende à vida não resistiu.

O Quenor deixa vago aquele lugar que ocupava na Avenida Dr. Manoel Paes.

À família enlutada os nossos pêsames.

★

No dia 16 de Dezembro faleceu, em Fão, Maria Alves Soares com 76 anos de idade. Natural da freguesia de Perelhal, foi casada com José Ferreira Pedras, também já falecido.

A toda a família e de modo especial ao nosso colaborador desportivo João Pedras endereçamos sentidos pêsames.

★

Tivemos conhecimento que no Brasil, mais propriamente em S. Paulo, faleceram os irmãos Daniel e António Vieira Magalhães que naquela cidade moravam há perto de 40 anos.

AGRADECIMENTO

A família de Maria Alves Soares vem por este meio agradecer todas as provas de amizade e solidariedade que lhe manifestaram, a quando da morte do seu ente querido.

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

AS CRIANÇAS E A TELEVISÃO

Quem tem a oportunidade de ver televisão, na hora destinada às crianças tem com certeza a impressão que muita coisa está mal.

Há uma onda de violência e de aspectos tão horrorosos, com figuras tão macabras e disformes, que pergunto a mim mesma qual será a influência que isso pode trazer para a formação do carácter dum criança de 5 ou 6 anos.

Apresentam certas séries com bichos e monstros tão repelentes que fico a cismar se isso terá alguns benefícios para a sua educação moral.

Bem sei que a vida não é um mar de rosas, mas não exageremos, principalmente tratando-se de crianças. Como diz o velho ditado, nem 8 nem 80.

As lutas que apresentam, os estratagemas que utilizam, são de tal ordem arditosos que levam as crianças a pensar só em lutas e na maneira de imitar aquilo que vêem.

Somos crianças só uma vez. Deixem-nos sonhar, imaginar um mundo melhor, cheio de beleza, de boas vontades e de amor pelo próximo, etc., etc.

Há de facto a Rua Sésamo que além de divertir, ensinar, prende a sua atenção. Parabéns para quem trouxe o programa até nós.

Vivemos numa era de crimes, de fome e de violência.

Os noticiários, são cheios de imagens e notícias alarmantes. Só se fala de guerras, incêndios, armas mortíferas, droga, fome, etc. ... Além da política, não se vêem, notícias agradáveis.

A vida só tem coisas más? Não acredito. A natureza é pródiga em coisas maravilhosas e isso confirma-se nos programas sobre a selva e a flora que tão avidamente presenciamos.

Há também, à nossa volta, sem darmos por isso, quem se sacrifique pelo

próximo, quem espalhe bondade, solidariedade e desinteresse, silenciosamente e com tanta naturalidade, como o acto de respirar para viver.

Porque se não dá a conhecer às crianças, todo o bem que se pratica?

Toda a vida, através dos séculos, houve sempre homens e mulheres que nos deram exemplos de grandes sacrifícios. Que deram as suas vidas pelos outros, que trabalharam a favor da humanidade, sem pedirem nada em troca.

Citemos por exemplo os bombeiros, os cientistas, os homens que socorrem os naufragos, etc. ...

Transformem estas verdades em histórias e tenhamos a certeza que elas crescerão, mais humanas e mais bondosas.

A droga, o grande flagelo do nosso século é fruto da desilusão que invade a vida dos jovens. Há neles um desencanto, que é o fruto da vida que os rodeia.

Não sabem apreciar esse bem inestimável que é a juventude.

As crianças, filhos dos casais separados, são o exemplo flagrante desta sociedade.

Ninguém quer ceder uma polegada do seu «Eu». Preferem destruir-se e destruir, do que tolerar as fraquezas dos outros e reconhecer os seus próprios erros.

Devíamos pensar mais nas crianças e rodeá-las de mais cuidados.

Não é comprando brinquedos caros que as fazemos felizes.

Hoje, quase todos os casais trabalham e as crianças são obrigadas a irem para as creches e infantários, todo o dia.

Só à noite recolhem a casa, para comer, tomar banho e dormir. Os pais vêm cansados do trabalho e por muito boa vontade que haja, não lhes podem dar muita atenção.

A mulher, atarefada com mil afazeres não tem tempo para lhes dar a atenção

que eles precisam. O pai preocupado com mil problemas dá-lhes um beijo e pouco mais.

Portanto as crianças têm na televisão o refúgio para as suas carências.

Por essa razão, os responsáveis da televisão, deveriam ter mais cuidado com os programas que lhes dão.

Não quero dizer com tudo isto que não haja bons programas educativos e recreativos. Há concursos que as estimulam à actividade e ao desenvolvimento, mas esses já são para crianças mais velhas.

Para os pequeninos é que as coisas vão pior.

Somos nós que formamos a sociedade; vamos fazê-la melhor e mais humana.

O maior exemplo na história da humanidade foi a passagem de Jesus Cristo pela Terra. Pregou o amor que é uma dádiva maravilhosa.

ESCLARECIMENTO DO HOSPITAL

A Mesa da Santa Cada da Misericórdia de Fão informa e congratula-se por ter finalmente conseguido pôr ponto final no diferendo laboral que mantinha com o Doutor Damião Filipe Barrosa Moniz Arriscado, há mais de doze anos.

Tal objectivo foi lançado em 12 de Dezembro de 1990, em auto de conciliação elaborado em processo pendente no Tribunal do Trabalho de Viana do Castelo, e só foi possível devido ao recíproco empenhamento de ambas as partes em chegar a um acordo e à prestímosa colaboração e participação do Meritíssimo Juiz daquele Tribunal e dos respectivos advogados.

A conciliação é tanto mais relevante quanto é certo que é extensiva a todos os demais processos pendentes nos Tribunais do Trabalho de Braga e Barcelos e no Tribunal Judicial de Esposende.

A Mesa da Santa Casa sempre agiu convencida da justeza das suas posições, mas reconhece que, após algumas decisões menos favoráveis, e Tribunais, e que lhe merecem todo o respeito, era tempo de resolver o assunto pela via do concenso.

A mesa reconhece também que, no ardot próprio das lides judiciais, terá sido menos elegante em relação ao doutor Moniz Arriscado e por isso aqui se retrata de algumas referências eventualmente injuriosas publicadas no seu «Boletim Informativo» de Setembro de 1987, na certeza de que nunca foi sua intenção atingir a honrabilidade daquele clínico.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA



DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS ESCOLARES

No dia 18 de Dezembro realizou-se a distribuição de prémios aos alunos das escolas de Fão que mais se distinguiram no ano lectivo 1991/92.

Estiveram presentes o representante da Junta, Joaquim Novais, Norberto Mota, Arcipreste José Vilar e as professoras aposentadas Judite Pinto de campos e Berta Pinto de Campos.

Foram os seguintes os alunos premiados:

«Portugal Marreca» (melhor aproveitamento)	
Vitor Jorge Lopes da Fonseca	4.º Ano — 50\$00
Daniel Lopes de Sousa	4.º Ano — 10\$00
Rui Edgardo Gonçalves de Oliveira	4.º Ano — 10\$00
Tiago Miguel Ferreira Guimarães Pedrosa	4.º Ano — 10\$00
Alexandre José Magalhães Figueiredo	4.º Ano — 10\$00
Pedro Miguel Soares do Vale	3.º Ano — 5\$00
Bruno Miguel Alves dos Reis Barreira	3.º Ano — 5\$00
Daniela Reis Campos do Vale	4.º Ano — 50\$00
Carla Filipa da Silva Soares	4.º Ano — 10\$00
Joana Gonçalves Esteves	3.º Ano — 10\$00
Ivone Rosinda Matias Sequeira T. Fula	3.º Ano — 10\$00
Sílvia Andreia Pereira Fer. Reis Campos	3.º Ano — 10\$00
Ana Paula de Jesus Reis	3.º Ano — 10\$00

«Campos Morais»	
Gonçalo Gaifém Soares Gomes do Vale	4.º Ano — 40\$00
Sara Morais Gomes do Vale	4.º Ano — 40\$00

«Prior Nogueira» (comportamento moral)	
Paulo Sérgio Vieira dos Reis	4.º Ano — 10\$00
Carla Filipa da Silva Soares	4.º Ano — 10\$00

«Escultor António Carlos Esteves» (Carácter)	
Paulo Sérgio Vieira dos Reis	4.º Ano — 100\$00
Margarida M.ª Costa Cubelo Morais	4.º Ano — 100\$00

«Santa Casa da Misericórdia»	
Francisco Alexandre Lima da Silva	4.º Ano — 100\$00
Margarida M.ª Costa Cubelo Morais	4.º Ano — 100\$00

«Prof. José Pio Rodrigues»	
Pedro Cubelo Arantes Ferreira Furtado	
Margarida M.ª Costa Cubelo Morais	

Pedreiras	
Feliz António Fernando Gaifém	4.º Ano —
Elder Sousa da Fonseca	4.º Ano —

Seguiu-se um almoço que decorreu num ambiente de fraterno convívio.

Esta refeição foi extensiva a todos os alunos que frequentam esta escola (145), seus professores, convidados, auxiliares de educação, cozinheiro e ajudantes.

Após o almoço, distribuíram-se prendas aos alunos. Uma professora vestida de Pai Natal entregou um embrulho a cada um. Para a aquisição deste presente, pediu-se aos encarregados de Educação uma pequena ajuda monetária de 200\$00 o que poucos recusaram.

O polivalente foi devidamente ornamentado para esta tradicional e tão querida vivência natalícia, que as crianças jamais esquecerão.

Entre os vários enfeites salienta-se: a lareira em esferovite, a árvore, o presépio e os arranjos.

Para isto ser possível houve a colaboração de alunos, professores e do senhor Rogério Morgado e filho. A estes últimos o corpo docente agradece, bem como a todos que de uma maneira ou outra colaboraram.

AGRADECIMENTO

A família de Quener Ribeiro vem por este meio agradecer as provas de amizade e carinho que lhe foram prestadas durante a doença e na morte daquele querido e saudoso familiar.

REVIVER O 1.º DE DEZEMBRO

Foram poucas as pessoas que se reuniram no dia 9 de Janeiro no Centro Cultural para ensaiar as antigas canções aprendidas no tempo da escola.

Ficou aprazado um novo ensaio para o próximo dia 30, também no Centro Cultural, pelas 21.30 horas.

CORAL DA MATRIZ

Sob a regência de Alberto Moreda, o Coral da Matriz tem ensaiado todas as semanas. Não está, portanto, morto o que é motivo de alegria para todos os fangueiros.

Está prevista a sua actuação no próximo dia 6 de Março, data comemorativa do primeiro aniversário do falecimento do P.e Manuel Borda.

CONTRY BAR

Abriu mais um bar em Fão. É proprietário o nosso conterrâneo Carlos Alberto de Sousa.

Bem decorado e com bom gosto. Desejamos felicidades.

NA FESTA DO CENTENÁRIO DA PONTE DE FÃO

— O agradecimento do nosso povo

Os Coxilhas e os Campinhos	Os Novais e as do Campos Morais
As Mancas e as Pancas	O Ferroque e o Cipote
Os Bolos e os Solas	As Cazeiras e as Camareiras
Os Fidós e os Xindós	As Reginas e as Pipinas
O Pidainas e o Polainas	As Estelas e as Coubelas
O Tato e o Flato	As Tutas e as Carapuças
A Manica e a Pijerica	Os do Cego e os do Figueiredo
Ar Terras e as Securas	As do Paulino e as do Rufino
As Policas e as Mujicas	O Chico Xis e o Preço Xis
As Ventoselas e as Francisca Rosas	As Bornudas e as Saudes
As Nordelas e as Lagoelas	As Ondinas e as Pantominas
As Caretes e as Rabelas	As do Anxílio e as do Abílio
As Senhorinhas e as Clarinhas	As Morodas e as Penedas
As Teias e as Doreias	As Gonçalves e as Vassalás
Os Casanovas e os Vinte e Nove	Os Barros e os Micharras
O Menano e o Samaritana	As Bordas e os Tabordas
As Sineiras e as Padeiras	As Paifacas e as Barracas
Os Vianas e as Donnas	Os do Abílio e restante família
Os Molados e os Pilados	Os Vigas e os Bezigas
As chitas e as Chiquitas	As Fracas e as Cavacas
As Furiadas e as Minodas	Os Quinias e os Lapo Pintos
Os Monas e as Pirronias	Os Vilelas e os Lamelas
As Bontas e as Setontas	Os Solimbas e os Landimbas
As Calboiras e os Poiras	Os Remoadores e os Serradores
Os Paivos e os Saralvos	As Paraltas e as dos Voltos
As do Pio e as do Palma Blos	As Fraldas e as Machodas
Os Matias e os Agonias	As Mores e os Agaçadouras
as do Amor e as do Quener	Os Moisés e os Roquotés
As do Ramalho e as do Cascalho	Os Carreiros e as Camoelas
Os Nelas e os Hazarotes	Os do Dão e o Domingos do Assunção
As Botarias e as Caladetes	
Os Durães e os Gaifém	

Estão todos muito Gratos à ponte de Fão

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO ESPARGO

(Continuado do número anterior)

Em Abril, de cobertura:

Nitrato de sódio 1 kg

PARA SOLOS COMPACTOS:

Em Novembro:

Estrume bem curtido e lixos 150 kg
superfosfato de cálcio 3 kg

No momento de se proceder à amontoa:

Sulfato de potássio 1 kg
Nitrato de sódio 1 kg

Por sua vez, Núncio Bravo refere ser vantajosa a aplicação, antes da amontoa e por cada planta, de 25 gramas de nitrato de sódio, tratamento que deverá ser repetido no princípio do Verão, quando se desfaz a amontoa.

O conceituado técnico espanhol Leñano aconselha uma adubação N-P-K, de fundo, nas proporções de N — 1,8, P2 05 — 1, e K2 0 — 1,5, simultaneamente com uma grande incorporação de material orgânico e pequenas quantidades de boro, sódio e cloro. Segundo este autor, há que distinguir entre a adubação de fundo, aplicada antes da plantação, e a outra, não menos importante, para assegurar a continuidade do desenvolvimento e da produção, que deve ter lugar anualmente, no início de cada ciclo vegetativo. No primeiro caso, deve recorrer-se à incorporação de uma substancial quantidade de estrume, bem curtido, ou de composto. Convém que a adubação

anual seja colocada em redor das plantas mas a poucos centímetros de distância delas.

Num dos países maiores produtores mundiais, a França, os estudos realizados parecem levar à conclusão de que uma adubação potássica e azotada da ordem das 100 unidades por hectare é largamente suficiente para se assegurar um nível elevado de produção, mesmo em solos originalmente muito pobres.

O emprego do cloreto de potássio é mais vantajoso do que o sulfato, pois favorece o rendimento e aumenta o adocicado dos «turiões». Ainda segundo Leñano, sempre que se trate de plantações velhas instaladas em solos pobres em potássio, a incorporação de sal comum (cloreto de sódio), na quantidade de 150 kg/ha, permite a obtenção de melhores produções.

Também é muito vantajosa a incorporação de boro, sob a forma de borato de sódio, na dose de 30-35 kg-ha.

6. Multiplicação

O espargo pode ser propagado por semente (via sexuada) e por meio de garas (coroas). Todavia, a produção destas é assegurada pela sementeira em viveiro.

Como já se referiu, as plantas são unissexuadas, isto é, só possuem órgãos masculinos ou órgãos femininos.

Em geral, as plantas masculinas são as preferidas, pois, além de serem mais precoces a produzir, fornecem produções quase duplas das femininas. Acresce ainda o facto de não invadirem o talhão com rebentos indesejáveis. Em contrapartida, das plantas femininas obtêm-se «turiões» maiores. Como regra, o sexo de uma

plantinha de espargo só pode determinar-se pelo menos na segunda estação do crescimento. Esta a razão por que nenhum vendedor pode garantir antes dessa idade o fornecimento exclusivo de plantinhas masculinas. Chegado o segundo ano, o reconhecimento das plantas machos e fêmeas é fácil: as femininas revelam a sua identidade pela produção de bagas verdes que, de facto, são cápsulas de sementes.

7. Cultura

7.1 Sementeira

Tem lugar no viveiro. O solo deve ser muito bem amanhado e enriquecido tanto com material orgânico, bem decomposto, como com adubos minerais.

Após se conseguir um bom grau de esmiuçamento do solo e de se ter alisado a superfície do canteiro, em geral com cerca de 1.20 metros de largura, procede-se à abertura de sulcos distanciados uns dos outros 25-30 cm, intervalo que se considera suficiente para que as raízes das plantinhas se não entrelacem, tornando difícil a sua separação. Outro método de armação do terreno consiste na adopção de menor distância — 15 a 20 cm — entre os sulcos dispondo-se a semente em sulcos alternados e ficando o intermédio destinado à circulação de água. Em qualquer dos casos a profundidade é de 5 cm. A prática mais adoptada consiste em deitar no fundo desses sulcos estrume de curral ou composto, bem curtido, à razão de 15 kg/m² e superfosfato de cálcio na quantidade de 100 g também por cada metro quadrado.

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo
na agricultura



Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com.
Bêta n.º 1436

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

ESTATUTOS DO HOSPITAL

(Continuado da pág. 2)

de, os quaes baixam com este Alvarà assignados pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, e vão escriptos em cinco meias folhas de papel sellado, todas rubricadas pelo conselheiro Official maior e Secretario Geral do Ministério do Reino, Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles. Pelo que Ordeno a todos os Tribunaes, Authoridades e mais pessoas a quem o conhecimento deste Alvarà pertencer, o cumpram e guardem tão inteiramente como nelle se contem e declara. Não pagou direitos de mercê nem sêllo por não os dever. e por firmeza do que dito é lhe Mandei passar o presente Alvarà, que vae por Mim assignado, e sellado com o sello das Armas Reaes. Dado no Paço das Necessidades, aos dez dias de Janeiro de mil oitocentos cincoenta e cinco.»

2.ª PARTE

Referência de Estatutos daquelle Hospital e sua administração:

Artigo 1.º

«Este Hospital será denominado de — S. João de Deus —, tanto em veneração d'este Santo Portuguez, que por sua ardente charidade para com os enfermos miseraveis tanto se empenhou na instituição destes Estabelecimento de beneficencia, como em attenção ao nome de seu principal fundador e benfeitor.»

Artigo 2.º

«O Hospital será administrado por uma Meza, composta de um Provedor, Escrivão, um Thesoureiro, e doze Mordomos; todos Irmãos da Sancta Casa da Misericordia.»

Artigo 3.º

«O Provedor do Hospital pode ser, e mesmo convém que seja, o mesmo Provedor da Misericordia, quando nelle se derem as qualidades necessarias para bem desempenhar as funções de ambos os cargos. Os demais officiaes da Meza do Hospital, serão differentes dos da Meza da Sancta Casa. Quanto ser possa, os Mordomos serão Irmãos, que saibam ler, escrever e contar.»

Artigo 4.º

«O Hospital conterà o maior numero de camas, que o edificio, e os rendimentos permitirem: n'elle haverá duas enfermarias distinctas, uma para homens, outra para mulheres; a dos homens se intitularà de S. José, em memoria do segundo instituidor e benfeitor do Estabelecimento, e a das mulheres terá a invocação de Nossa Senhora das Dores.»

Artigo 5.º

«Terão admissão no Hospital, segundo o numero de doentes que posse delle permitam; primeiramente os Irmãos da Misericordia, que tendo cahido enfermos, se acharem em miseria; em segundo lugar, os enfermos miseraveis, que não sendo Irmãos da Misericordia, pertençam contudo às freguezias do seu districto; por ultimo, quaesquer outros enfermos pobres e miseraveis.»

2 — (Lado Direito)

(Continua no próximo número)

NA ROTA DE CAMILO PELA RIBEIRA LIMA

O centenário de Camilo fez recuar, muitos dos estudiosos, ao tempo do escritor e poeta, e vieram ao de cima algumas facetas que o tempo, afinal, não apagou.

«Era o homem mais feio que Deus deitou ao mundo», sempre se disse, mas foi um gênio, escreveu obras de bastante interesse cultural, soube dramatizar e viveu as tragédias que atingiram a família.

Camilo Castelo Branco passou por Viana do Castelo, trabalhou como chefe de redacção na «A Aurora do Lima», no tempo de Luís Barbosa e Silva, influente na sociedade vianesa. Aliás, nesta cidade, procurou seus amores e, apesar de feio, teve o condão de seduzir as mais belas da sua época. (Ana Plácido).

Em Ponte de Lima, ao contrário do que se julgou, apenas esteve em espírito. Contudo, numa das viagens até ao Porto, parou na estação de muda e, nada mais.

Viria Camilo a trocar copiosa correspondência com amigos, que lhe forneceram preciosos elementos para os romances intitulados: Maria da Fonte, Estrelas Propícias e Estrelas Funestas. Foram eles: Dr. Feitas que viria a ser seu médico; o Conde da Barca e Tomás Norton.

Nestas visitas, houve a oportunidade de passar pelo convento de Refóios, Casa de Sá ou o Solar do Conde da Barca, pontos referenciados por Camilo nalguns dos seus melhores romances.

A Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho não deixou em claro a peregrinação de Camilo e resolveu seguir-lhe as pisadas, através de alguns dos seus associados.

Primeiro, a visita a S. Miguel de Ceide, casa onde viveu e morreu, dali nasceram, também, muitas das suas melhores obras; na romagem ao cemitério da Lapa, Porto, uma rosa deixada junto do túmulo do escritor marcou a homenagem singela dos jornalistas e dos escritores do Alto Minho.

CÂNTICO À NATUREZA

*Agora vou cantar a Natureza:
O Sol, a rocha, a água, a flor, o vento,
E assim mostrar a minha alma acesa
Com o lume que aviva o pensamento.*

*Vou recordar a noiva madrugada
Com alento e calor erguendo tudo
O que dormiu de túnica orvalhada,
Sob o celeste manto de veludo.*

*E a pintura do céu ao fim do dia,
Quando o Outono se inclina sobre as vinhas,
E a mágica beleza e nostalgia
Do derradeiro adeus das andorinhas.*

*E a frescura da fonte ao pé da estrada,
Esperando de alguém, beijos sedentos,
E a alegre cerejeira já toucada,
Com olbos perfumados nos rebentos.*

*E o pólen animado, sonhador...
À procura dum ninho aconchegado,
E a semente esperando esse calor,
Que a faz erguer do sono prolongado.*

*E a montanha altaneira e sorridente,
Olhando para o vale, onde um ribeiro
suspira, com saudades da nascente,
E vai dizendo adeus para o salgueiro.*

*E a seiva animadora da floresta,
Fecundo rio oculto, sem rumores,
Que aos jardins e pomares traz a festa
Das cores, dos perfumes, dos sabores.*

*E o sonoro mar com onças rotas,
Onde é salgada a música constante,
E as batutas das asas das galvotas,
sobre a azul partitura sussurrante.*

*O límpido lençol da neve fria,
E também o algodão da bruma alada,
Toda a inocência e cândida magia
Da alma da criança engrinalhada.*

*E vou cantar também a noite bela,
Com sorrisos de estrelas e luar,
E o violino de alguma flomela,
Alegrando o descanso do seu par.*

*E não quero esquecer neste meu canto,
O pequenino verme, a enorme fera,
Tudo o que tem alento e tem encanto,
E faz lembrar a eterna Primavera.*

DINIS DE VILARELHO

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boíte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

MELHORAMENTOS NO BOM JESUS

Aquilo a que se chama *obras* têm uma extensão muito grande. Há-as de fachada, às vezes não muito úteis e que, alinhadas no campo das prioridades, não ocupam as primeiras filas. Existem outras, porventura menos espectaculares, porventura menos visíveis, mas que podem ser portadoras de grande utilidade, de muito interesse para as comunidades onde estão inseridas.

Na categoria destas últimas entroncam os reparos ou reparações levados a efeito no templo do Bom Jesus e na Casa do Sacristão. Estes dois edifícios estavam bastante degradados quando a Irmandade, ou mais propriamente, o Juiz da Irmandade, Adelino Saraiva, tomou conta do cargo, já lá vão sete anos. A primeira tarefa importante levada a cabo foi o arranjo total dos telhados nos dois edifícios e que custou à volta dos 800 contos. Este primeiro conserto era prioritário para travar a degradação que já se tornava visível. Depois impunha-se como necessário picar e rebocar as paredes exteriores da capela o que levou mais 500 mil escudos. O coro foi todo recoberto a tejo-leira, o que custou 150 contos, embora o «mestre» Paulino tenha cedido a «mais valia», queremos dizer que entregou os tijolos pelo preço de custo. Ah!, esquecíamos-nos de referir o madeiramento dos sinos que estava podre (também se gasta) e que, se não fosse feito, levaria os bronzes a esbarrandarem-se no chão. Devia ser bonito e sobretudo seria uma vergonha. E que diria o povo de fora? «Puxa que os fangueiros já não têm forças sequer para aguentarem os sinos!»

Uma obrzinha já efectuada, e que aliviou a bolsa do Senhor Bom Jesus em 450 contos, foi a construção dos sanitários situados no átrio do templo (lado nascente). Não se vêem mas estão lá e em dias de festa ou de cerimónia têm o seu préstimo, ou melhor, dão a sua colaboração.

A chamada «Casa do Sacristão» que estava uma vergonha, queremos dizer, sem dignidade, levou e vai levar arranjos mais que necessários: construíram-se dois quartos, foi colocada uma placa a toda a superfície menos na cozinha e na varanda, que serão também contemplados num futuro próximo, e arranjou-se ou construiu-se, na parte de baixo, uma sala de sessões que ainda não está terminada. As reuniões faziam-se, até aqui, na igreja, mas agora ou a partir de agora vão fazer-se lá. Servirá também de arquivo e de agasalho para algumas alfaias religiosas e para os livros de actas que constituem uma fonte muito preciosa para a história da confraria e também para a história local. E funcionará igualmente como secretaria. Enfim, uma sala polivalente.

Damos de novo um salto para a igreja e informamos que as paredes exteriores que servem de limitações ao adro e tem em cima aquelas grandes bolas de pedra, foram igualmente rebocadas.

Bem, estas bolas estão muito ligadas à nossa infância, pois quando nós, os das Pedreiras, vínhamos da escola (oh que tempos tão saudosos, raparigas...) ou íamos jogar às escondidas para o coreto ou então encarrapitávamo-nos em cima delas sem medir o perigo que isso constituía. Felizmente que nenhuma de nós caiu, mas nós caíamos muitas vezes. Era o preço.

Está ainda na mente dos actuais responsáveis rebocar todo o interior do mosteiro e dignificar ainda mais a casa do sacristão.

Enfim, já se gastaram no espaço de 7 anos três milhares de contos num trabalho discreto, pouco vistoso mas útil, tendo em conta os fins para que tanto a igreja como a residência do Sacristão foram criados.

Por outro lado, não se aceita qualquer sinal de desmazelo numa Alameda bonita com canteiros bem delineados e um coreto bem tratado e que pode rivalizar com o Cortinhal no que concerne à classificação da melhor sala de visitas da terra.

O actual Juiz da Confraria do Senhor Bom Jesus de Fão é como já o afirmamos, Adelino Saraiva que tem como Secretário e Tesoureiro respectivamente António Viana e Raul Pimenta.

VIAGENS NO TEMPO

M. Emília Corte Real

O ROMEIRO

Vamos viajar um pouco no passado. Vamos recuar até há cerca de mil anos, até essa Idade Média de profunda religiosidade, onde o Romeiro, aquele que ia em peregrinação, sozinho e descalço, até aos lugares Santos, era uma figura por todos conhecida e venerada.

Com os olhos e os ouvidos da imaginação, observemos um Romeiro e escutemos o que ele tem para nos contar acerca de uma das suas romagens: «Se regresso de Santiago, a roupa empastada de suor e poeira, os pés chegados e doridos, só a força da Fé e a recordação das maravilhas que me foi dado ver, me sustinham o corpo vacilante quando avistei o Castelo.

Erguia-se ao longe, magestoso, silhueta de linhas austeras recortada a negro no céu avermelhado do entardecer.

Lenta e penosamente fui-me aproximando; comecei a perceber um trotar de cavalos que se tornava mais próximo de momento a momento. Avistei finalmente um grupo de cavaleiros, chefiado pelo castelão, que regressava da caça.

Os rafeiros saltavam, latindo alegremente. Os animais abatidos, amarrados às selas, pendiam inertes e sangrentos.

À aproximação do cortejo a ponte levadiça foi descida, rangendo. Logo que me avistou, o senhor do castelo fez apeiar um dos cavaleiros para me ceder a montada e assim entrámos no castelo.

Quão reconfortante me pareceu a sala térrea e fria! Quão repousantes os escabelos toscos e duros!

À ordem do castelão, deram-me lugar junto à lareira enegrecida, onde as chamas crepitavam, numa sinfonia alegre e acolhedora, num esplendor de tons alaranjados.

Uma aia lavou-me os pés ensanguentados numa selva escura e untoumos com unguentos refrescantes.

Levaram-me então à presença da castelã, pálida e loira, muito fina e donairoza na sua coifa azul, da mesma cor do vestido, bordado a ouro e guarnecido com rendas antigas e muito belas. Mandou que me dessem vestes de estamemba e linho, frescas e perfumadas.

Velo, a seguir, a bora da ceia. Na grande cozinha rústica patrava um agradável cheiro: era uma das peças recém-abatidas que as labaredas do lar aloiravam, num grosso espêto, sob o olhar guloso dos podengos, de focinho entre as patas — deitados mas vigilantes.

Na mesa luziam pratos e talheres de cobre e o vinho rebrilhava nos pichéis.

O senhor do castelo, à cabeceira da mesa, tendo atrás de si a espada, fez-me sentar à sua direita e pediu-me para lhe ir narrando a minha romagem; não me fiz rogado, e toda a emoção das boras de sobrenatural espiritualidade que vivi acudiu à minha voz já sem fadiga, toda a mística alegria que havia em mim extravazou no calor da minha descrição.

O repasto findou. Acenderam-se tochas; o sino tangeu e todos recolheram. Aconchegado numa pele de javali, na sala que me destinaram para pernoitar, eu olhava o céu. Primeiro violáceo, depois negro, parecia de veludo raro, pontilhado a ouro.

Cerrei os olhos, mansamente. E, em paz com Deus e comigo mesmo, adormeci, cansado mas feliz».

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO